

Dossiê

A vida dos maracás: reflexões em torno de um instrumento ritual entre os Pumé da Venezuela

Gemma Orobitg Canal

Universidade de Barcelona, Catalunya, Espanha
orobitg@ub.edu

RESUMO: A partir da apresentação de alguns episódios da biografia de um maracá e dos laços que se estabelecem, no momento da passagem para a idade adulta, entre cada homem pumé e seu maracá, este texto apresenta diferentes ideias para se pensar as relações entre os seres humanos e alguns objetos. Neste caso, podemos falar de uma identidade entre um ser humano e um maracá. Esta equivalência está apoiada na ideia de que o corpo é um recipiente vazio que deve ser fabricado e sustentado para poder acolher as essências vitais que permitem viver, quer os homens, os animais, os deuses e espíritos, as plantas e mesmo os objetos.

PALAVRAS-CHAVE: Maracás, seres humanos, seres vivos, pessoa, artefatos, ritual.

Introdução

Como a maior parte das sociedades de caçadores-coletores, os Pumé possuem uma série de objetos muito limitada. Para além de cestos, arcos e flechas ou canoas, utilizados, respectivamente, para colheita, caça ou pesca, encontramos entre eles apenas alguns objetos

cotidianos como pequenos teares para a fabricação de redes ou raladores e peneiras para a mandioca, além de alguns objetos rituais. Dentre estes últimos, o maracá é o mais valorizado. Cada homem pumé possui um maracá:

Meu maracá, eu não o empresto jamais. Ontem, eu o deixei com meu sobrinho Trifon para cantar o (ritual do) *Tōhé*. Ele teve medo, é um maracá muito poderoso. Ele me disse: apanhei fortemente durante toda a noite com o seu maracá! (Riecito, Junho de 1992)

Assim falou um homem pumé, Cesar Díaz, aquele que os Pumé reconhecem como possuindo a maior maestria no canto do ritual do *Tōhé*, assim como um extraordinário conhecimento do mundo dos deuses. Cumpre dizer que ele foi o mestre da maioria dos homens adultos que cantam atualmente o *Tōhé*. Através das suas palavras, descobrimos a ideia de uma estreita relação entre um indivíduo e um objeto, mas igualmente a de uma intencionalidade própria ao objeto.

A partir das relações estabelecidas entre cada homem e seu maracá, este texto mostra a homologia entre um corpo humano e um artefato, entre a construção de um corpo e a de um objeto. Mesmo que as operações sejam bem diferentes, os cuidados dos corpos da mãe e da criança durante a gravidez e o nascimento e os processos técnicos seguidos para a fabricação do maracá compartilham de um mesmo objetivo: produzir um corpo (*ikhardá*) pronto para acolher as essências vitais (*pumethó*) que animam todos os seres, mas que possuem, todavia, a necessidade destes corpos (*ikhardá*) para se manifestarem. As relações entre os homens pumé e seus maracás permitem igualmente explorar a identidade e a imbricação entre processos vitais e processos técnicos. Os corpos dos homens, assim como os maracás, devem ser constantemente sustentados. No momento da passagem à idade adulta – quando cada jovem pumé recebe um maracá – até a morte do indivíduo, os homens e os maracás estabelecem relações de responsabilidade e dependência mútuas.

Como se tece a relação de cada homem com seu maracá? Como ela se desenvolve ao longo de toda a vida de um indivíduo pumé? Por que os maracás podem agir sobre aqueles que os detêm? Quando e por que o fazem? Estas são algumas das questões que orientaram a escrita deste texto, tendo em conta esta dupla natureza do maracá: ao mesmo tempo prolongamento do indivíduo e agente animado instigador de situações por vezes indesejadas por ele. Ainda que verídica, essa afirmação deverá ser nuançada ao levarmos também em

consideração isto o que podemos chamar da “vida dos maracás”, isto é, a biografia – do nascimento à morte – de cada um destes objetos (Kopytoff, 1986: 66). Ao incorporar esta perspectiva, o que a princípio fora pensado como uma relação entre um indivíduo e um objeto torna-se, de fato, uma relação entre dois seres vivos.

Tal relação faz todo sentido se nos ativermos à ideia pumé – presente entre outras culturas ameríndias – de que não apenas os humanos e os animais, mas também os deuses e outros seres não humanos (incluindo os objetos) participam de uma noção geral da pessoa na qual aquilo o que, na tradição ocidental, chama-se o “corpo humano” é, de fato, um objeto material cuja vitalidade não está inscrita na matéria mesma, mas na essência que a anima e que não pode agir senão através da sua mediação. Eduardo Viveiros de Castro aborda a questão do corpo ameríndio nestes termos; não importa que corpo, inclusive o corpo humano, seja concebido como sendo o envelope exterior de uma alma. Em algumas línguas indígenas, sublinha Viveiros de Castro, a palavra “corpo” possui, além disso, o sentido de “envelope” ou “caixa” e serve igualmente para nomear coisas como cestos, chapéus e casas... Todas essas coisas são o “corpo-envelope” de qualquer outra (Viveiros de Castro, 2012: 133). Entre os Pumé, a “caixa”, a “carapaça” ou mesmo o “couro” são também algumas das imagens evocadas para se referir ao corpo (*ikhará*), representado como um continente físico oco, pronto para ser habitado por diferentes “essências vitais” (*pumethó*) que insuflam a vida nos seres.

Entretanto, essa relação não é sistemática. Na introdução do livro *The Occult Life of Things: Native Theories of Materiality and Personhood* (2009), Fernando Santos-Granero se refere, sem pretender ser exaustivo, às múltiplas maneiras de ser um objeto no mundo tal como vivido pelos indígenas. Nas ontologias ameríndias, os diferentes regimes de objetos (*object regimes*), para retomarmos a expressão de Stephen Hugh-Jones (2009), estariam ligados aos diferentes graus de competência comunicativa, subjetividade e “agentividade” atribuídos não somente aos objetos, mas a todos os seres, e que servem para classificá-los e hierarquizá-los enquanto seres sociais (Santos-Granero, 2009: 8-11).

Um exemplo neste sentido nos é fornecido por Felipe Ferreira Vander Velden em seu estudo sobre as flechas para a caça dos Karitiana (Tupi-Arikém, Rondônia). Para estes índios, as flechas possuiriam uma “agentividade” reprimida que deve ser ativada pelo consumo da carne e do sangue dos animais de caça. Do contrário, elas apodrecem, morrem ou, segundo o mito, se transformam em animal peçonhento. Mas isso não é tudo. Ainda